



A invocação das Musas e o encantamento do mundo

The invocation of the Muses and the world's enchantment

Larissa Dantas Camargo Mello¹

Resumo: No vigente artigo, exploramos o papel das Musas na Grécia Antiga como entidades inspiradoras da poesia e, de modo mais abrangente, doadoras do próprio ato criativo. Observaremos os elementos que denotam importância para a atividade poética, ressaltando a questão da relevância das palavras para o grego antigo e sua implicação na religiosidade. As Musas eram reverenciadas como fontes divinas de inspiração, especialmente na poesia. Através de sua influência, os poetas cantavam a cosmogênese e expandiam o horizonte de articulação simbólica das mulheres e dos homens. Na poesia residia, guardado, todo um universo de configurações sociais e culturais. Examina-se, portanto, a relação íntima entre as Musas e os poetas, destacando-se, principalmente, elementos da Teogonia de Hesíodo.

Palavras-chave: Musas. Palavra. Poeta. Inspiração. Grécia antiga.

Abstract: In the current article, we explore the role of the Muses in Ancient Greece as inspiring entities of poetry and, more broadly, donors of the creative act itself. We will observe the elements that denote importance for the poetic activity, emphasizing the issue of the relevance of words to ancient Greek and their implication in religiosity. The Muses were revered as divine sources of inspiration, especially in poetry. Through their influence, poets sang cosmogenesis and expanded the horizon of symbolic articulation of women and men. In poetry resided, guarded, a whole universe of social and cultural configurations. Therefore, the intimate relationship between the Muses and the poets is examined, highlighting, mainly, elements of Hesiod's Theogony.

Keywords: Muses. Words. Poet. Inspiration. Ancient Greece.

Introdução

O presente artigo busca compreender uma pequena parcela da malha epistêmica do mundo grego arcaico partindo do conjunto de narrativas e estudos que temos presentes na atualidade que tangem a matéria das Musas. Ao compreendermos o papel

¹ Mestranda em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora, bacharel em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: dantaslarissa96@gmail.com

desempenhado por essas entidades que tanto inspiraram os poetas – e isso equivale compreender o que as define como tal, ou em outras palavras, o ser da Musas –, entende-se que nos aproximaremos de uma compreensão mais profunda do que podemos definir como religiosidade grega, considerando-se que “se não existissem todas as obras da poesia épica, lírica, dramática, poder-se-ia falar de cultos gregos no plural, mas não de *uma* religiosidade grega” (VERNANT, 2018, p. 16, grifo do autor).

As Musas, habitadoras do “grande e divino monte Hélicon” (HESÍODO, 2017, p. 103), desempenharam um papel cardinal na tradição e no desenvolvimento da poesia na Grécia Antiga. Reverenciadas como fonte da inspiração, eram admiradas, também, como a fonte divina da criatividade e do conhecimento artístico. Não se atendo apenas ao campo da poesia, a influência dessas entidades transcendia e se estendia à música, dança, história, ciência e outras manifestações da expressão cultural.

O objetivo desse trabalho insere-se, justamente, nessa pequena fresta epistêmica e busca averiguar a tríade “Musas – palavra – poeta” para poder compreender a importância das palavras que, inspiradas pelas Musas e encantadas na voz dos poetas, rememoravam a origem do universo e dos deuses, desdobravam novos horizontes simbólicos e fomentavam, sobretudo, o desenvolvimento cultural e religioso na sociedade grega antiga.

1. A origem das Musas

Quando, no estudo do repertório mitológico, buscamos traçar o fio narrativo que nos leva à origem de determinado personagem, estamos, em outras palavras, nos empenhando em compreender quais foram as potências consubstanciadas para que a manifestação desse personagem fosse viabilizada. É pela genealogia que a multiplicidade de figuras divinas encontra um ponto convergente e unitivo: as potências consubstanciadas, ao darem origem a um novo ente, estão manifestando e desdobrando suas próprias possibilidades e se conectando temporalmente, pelo passado, presente e futuro, sem que se exclua os progenitores com o surgimento dos sucessores (PHILIPPSON, 1949, p. 49), pelo contrário, “uma lei onipresente na Teogonia é que a descendência é sempre uma explicitação do ser próprio e profundo da Divindade genitora: o ser próprio dos pais se explicita e torna-se manifesto na natureza e atividade

dos filhos” (TORRANO, 2017, p. 31), ou seja, o ato de fusão das potências encontra recepção no ato de tornar manifesta a malha de possibilidade dos genitores.

A genealogia é um gerenciamento de potências criadoras e sustentadoras do cosmos. É o modo, inclusive, pelo qual as teogonias se revelam:

A forma na qual o genos é expresso é a genealogia. Ora, é nesta forma genealógica que cosmogonias e teogonias sempre têm se revelado. Se considerarmos essas revelações como tais, não vindo na genealogia uma forma arbitrariamente sobreposta ao mito cosmogônico, mas, no sentido mais próprio da palavra, um símile do cosmos que se expressa precisamente na forma genealógica, devemos deduzir da revelação em forma genealógica que o cosmos, como ser único, uno e atemporal, se expressa em uma série de modificações, nas quais esse ser atemporal é imanente: todos os fenômenos, todas as forças e leis do cosmos constituem uma unidade genética. O estudo de tal genealogia cosmogônica nos leva, portanto, diretamente e não (por exemplo, através de uma alegoria), à essência do cosmos, cuja revelação coube ao locutor² dessa cosmogonia. (PHILIPPSON, 1949, p. 49-50, tradução nossa)³.

Assim, a genealogia espelha o *modus operandi* do cosmos, o qual se revela em desdobramentos sucessivos de potências atemporais que não se extinguem, mas se atualizam continuamente. Portanto, se quisermos verdadeiramente nos acercamos do contorno epistêmico relativo às Musas, mapear seus papéis e suas qualidades mais intrínsecas, deveremos, impreterivelmente, delinear de modo retrospectivo, as suas origens.

As Musas surgem de Zeus – com sua quinta união –, Mnemosyne. Zeus que personifica a soberania, a distribuição de dons, a potência criativa, e Mnemosyne, a figura mítica da memória, da capacidade de retenção. Por conseguinte, se considerarmos a filiação como uma consubstanciação de potências, podemos, de maneira ainda

² Aqui, o “locutor” do qual a autora se refere é Hesíodo.

³ “La forma nella quale si esplica il genos è la genealogia. Ora è in questa forma genealogica che le cosmogonie e le teogonie si sono sempre rivelate. Se consideriamo queste rivelazioni come tali, non vedendo nella genealogia una forma arbitrariamente sovrapposta al mito cosmogonico, ma, nel senso più proprio della parola, una similitudine del cosmo che si esprime appunto nella forma genealogica, dobbiamo dedurre dalla rivelazione in forma genealogica che il cosmo, come essere unico, uno e atemporale, si esplica in una serie di modificazioni, nelle quali questo essere atemporale è immanente: tutti i fenomeni, tutte le forze e le leggi del cosmo costituiscono un'unità genica. Lo studio di una simile genealogia cosmogonica ci conduce dunque, direttamente e non (per esempio, attraverso un'allegoria), all'essenza del cosmo, la cui rivelazione è toccata in sorte all'annunciatore di quella cosmogonia” (PHILIPPSON, 1949, p. 49-50)

bastante rústica, inferir que as Musas surgem da fusão e tensão entre criatividade e memória, entre ação e retenção.

Portanto, descendentes dos olímpianos por parte de seu pai e dos Titãs por parte de sua mãe, as Musas miscigenam ambas as gerações. Zeus, soberano entre os deuses e detentor do poder supremo, concede às suas filhas o seu universo de qualidades, a sobriedade para realizar a justiça, o exercício de poder e a autoridade (TORRANO, 2017, p. 34) e, por sua vez, a mãe, Mnemosyne, a Memória, concede às Musas a capacidade de tudo ver, tudo saber (SEMENZATO, 2017, p. 58) e o manuseio das palavras: a faculdade oral.

Aqui, torna-se importante demarcar a regência do cosmos pela égide de Zeus e elucidar o significado de suas associações com suas várias esposas. Zeus incorpora o poder supremo, isso significa dizer que se de um lado há Zeus e do outro, todos olímpianos reunidos, Zeus prevalece (VERNANT, 2009, p. 31):

Os outros deuses podem protestar contra Zeus, podem tentar desobedecê-lo ou até conspirar contra ele, mas nada pode ameaçá-lo seriamente - ele continua muito superior. O mito, especialmente como conta Hesíodo, relata que nem sempre foi assim, que Zeus teve que conquistar seu poder através da luta e defendê-lo contra a revolta. Antes de Zeus, os Titãs dominavam e o pai de Zeus, Cronos governou. Que Cronos engoliu seus filhos é modelado no mito de sucessão do Oriente Próximo. Zeus foi salvo desse destino pela astúcia de sua mãe Rhea, que deu a Cronos uma pedra para engolir. Quando Zeus atingiu a maioridade, ele liderou os deuses na guerra contra os Titãs: céu, terra, mar e submundo foram todos convulsionados na batalha, mas Zeus saiu vitorioso graças a seus raios invencíveis. (BURKET, 1985 p. 178, tradução nossa)⁴.

Assim, Zeus, o luminoso⁵, é aquele no qual as potências se conciliam, detentor da justiça, senhor que divide entre os deuses e os homens as honras e papéis, pai de muitos filhos. Inclusive, seu poder se manifesta de maneira vívida nesse eixo: a

⁴ “The other gods may protest against Zeus, they may attempt to disobey him or even plot against him, but nothing can seriously threaten him – he remains far superior. The myth, especially as Hesiod tells it, relates that this had not always been the case, that Zeus had had to win his power through struggle and defend it against revolt. Before Zeus the Titans held sway and Zeus’ father Kronos ruled. That Kronos swallowed his children is modelled on the Near Eastern succession myth. Zeus was saved from this fate by the cunning of his mother Rhea, who gave Kronos a stone to swallow instead. Once Zeus had come of age, he led the gods in war against the Titans: sky, earth, sea, and underworld were all convulsed in the battle, but Zeus emerged victorious thanks to his invincible thunderbolts.” (BURKET, 1985 p. 178).

⁵ Epíteto de Zeus no início da Teogonia.

invencibilidade nas batalhas, a vitória, e a incansabilidade do vigor sexual. Pai de muitos filhos, amante de muitas deusas e mulheres⁶, se a genealogia é o modo pelo qual o cosmos demonstra seu funcionamento e o desdobramento de potências, Zeus, que é supremo, por meio de seus filhos e filhas, reverbera as suas possibilidades de maneira múltipla.

A Teogonia, que é um relato das histórias e tramas de Zeus e seu exercício de poder, relata o deus luminoso como um mantenedor da ordem e da justiça, de tal modo que a verdadeira expressão do poder e da ordem encontram verdadeira recepção na figura desse soberano. No ato de associação com uma consorte, esse poder miscigenado com uma outra potência, se desdobra e revela outras facetas da força desse deus invencível e mantenedor na medida em que se manifesta.

Os casamentos de Zeus implicam numa administração política cujo objetivo é assegurar o seu reinado contra o poder de seu pai, Cronos, derrotado em batalha. O deus maior aliou-se assim com personagens que vinham de uma linhagem que expandia o seu governo e aniquilava os contornos de onde poderiam surgir possíveis ameaças. Aliou-se, portanto, com Mêtis, a oceanina, com Témis, a uranida, com Eurínome, a oceanina, com Demeter, a cronida, com Menosyne, a uranida, com Leto, a neta do céu e da terra e com sua irmã, Hera (TORRANO, 2017, p. 57).

Das aliaças com suas duas primeiras esposas, Zeus gera Atená, as Horas e as Moiras: a Sapiência, a que é capaz de prever o imprevisível, determinar o instável e contabilizar o mutável⁷; as Horas⁸, que regem a natureza e o tempo e, portanto, inserem as ações humanas num quadro cíclico de produção; as Moiras ou Parcas personificam o Destino, a Fatalidade, o lote da fortuna que distribui, a seu modo, o bem e o mal a cada homem e mulher. Portanto, os frutos de suas duas primeiras associações são a sabedoria e astúcia necessárias para conquistar e conservar a perinidade do reinado e a ordem e medida.

Com Eurínome e Demeter, Zeus gera as Graças e Perséfone: a beleza que incita o desejo e o amor e os dons da fertilidade, do alimento e do fazer brotar. Com

⁶ Burket (1985) diz que os mitógrafos tardios contabilizavam cerca de cento e quinze mulheres amantes de Zeus.

⁷ Torrano (2017) informa que Mêtis, que se traduz por Sapiência, também pode ser traduzido como Astúcia e Ardil.

⁸ São elas Eunômia, a disciplina, Dique, a justiça e Irene, a Paz.

Mnemosyne, a memória, Zeus se deita por nove noites e gera as nove Musas⁹. Com Leto, surgem Ártemis e Apolo. Com Hera, nascem Ares e Ilitia, a guerra, a juventude e a renovação (BRANDÃO, 2020, p. 22). Assim se arranja e se estabelece, *a priori*, o reinado de Zeus, sendo que as Musas são descendentes de seu quinto casamento com a titânida Mnemosyne, a memória, a capacidade de agrupar os diversos recortes da existência num fio narrativo comum e conceder-lhe sentido numa unidade.

2. Mnemosyne e a literatura oral

Não é à toa que as Musas, invocadas por Hesíodo no início da Teogonia como condição para a execução do canto¹⁰, são filhas da titânide Mnemosyne. Mnemosyne como já dito anteriormente, é a figura mítica da memória, no entanto, para compreendermos a verdadeira importância da memória e o lugar que ela ocupa nessa cosmogonia que aponta para a gênese mítica do universo, precisamos realizar um salto contextual e adentrarmos na realidade do poeta, em que a oralidade se sobressaía à escrita.

Na atualidade, à memória é delegada um papel de apêndice à escrita, já para os poetas e filósofos gregos, a memória era um *conditio sine qua non* para a poesia e para a filosofia, “quanto mais avançamos no desenvolvimento da literatura escrita, menos importante Mnemosyne se torna, pois a palavra escrita triunfa sobre a memória e a palavra falada” (NOTOPOULOS, 1938, p. 466, tradução nossa)¹¹.

No diálogo de Platão – Fedro¹² –, Sócrates, ilustra sua crítica à escrita com o mito egípcio em que Theuth, ao apresentar, entusiasmado, sua criação, a escrita, recebe uma adversão de Tamos quanto aos possíveis danos inerentes à invenção:

Dizem que muito foi o que Tamos manifestou a Theuth acerca de cada uma das artes em ambos os sentidos, e discorrer sobre tudo seria de fato alongar demais a história. Mas, quando chegou a vez da escrita, Theuth disse: “Esta é a minha instrução, ó rei, que fará os egípcios mais sábios e de melhor memória. Pois foi descoberta como uma

⁹ São elas Glória, Alegria, Festa, Dançarina, Alegre-coro, Amorosa, Hinária, Belavoz e Celeste / Clio, Talia, Euterpe Melpômene, Terpsícore, Érato, Polímnia, Calíope Urânia.

¹⁰ “Pelas Musas heliconíades começamos a cantar (...)” (HESÍODO, 2017, p.103).

¹¹ “The further we go into the development of written literature, the less important Mnemosyne becomes as the written word triumphed over memory and the spoken word.” (NOTOPOULOS, 1938, p. 466).

¹² Fedro, 274b -278b. Tradução de Maria Cecília Gomes dos Reis.

droga para a memória e sabedoria”. A que o outros respondeu: “Engenhoso Theuth, um é aquele capaz de engendrar as artes, mas outro o que julga qual o lote de dano e utilidade trará a quem delas se servir. E tu, sendo o pai da escrita e por querer-lhe bem, dizes agora o contrário do poder que ela tem. Pois, por descuidar da memória, a escrita produzirá esquecimento nas almas dos que se instruírem, posto que, por uma persuasão exterior e pela ação de sinais estranhos, e não mais do interior de si e por si mesmos, recordarão. Portanto, descobriste uma droga não para a memória, mas para as recordações. E aos que receberem essa instrução concedes uma aparente e não verdadeira sabedoria. Pois, deram e serão aparentemente sabidos em tudo, quando ignoram a maior parte – e ainda de convívio difícil –, feitos sábios de aparências e não em saberes”. (PLATÃO, FEDRO, p. 136-137).

A informação a ser evidenciada é que o conhecimento verdadeiro é vivo, conseqüentemente precisa de presença para ser transmitido: precisa de vida, de movimento, de alma, deve ser transferido de indivíduo para indivíduo. A escrita, por sua vez, é apenas um recorte cristalizado – uma pequena porção – desse conhecimento vivo, portanto, depender única e exclusivamente de textos para acessar um conhecimento de modo genuíno é condenar-se à frustração e tornar-se um “sábio de aparências”, que apenas aparenta que sabe. O verdadeiro sábio é aquele que, pelo uso de sua memória, é capaz de reconhecer as Verdades Eternas contempladas pela alma antes da encarnação (ALONSO, 2019, p. 129).

Desse modo, a memória não se define necessariamente numa aptidão para reter um fragmento pontual referente ao passado, mas é uma capacidade que funciona de modo homogêneo e que une os tempos ao conservar o passado, atualizá-lo no presente e precipitá-lo no futuro. A memória, portanto, não é apenas estática, mas também é criativa dado o conteúdo oral a ser transmitido, que é transmitido no presente e costurado por lampejos de improvisação. Na medida em que se recorda se cria:

Pois a memória era a faculdade peculiar e a província do poeta oral; ele não poderia prescindir da memória mais do que nós, os filhos da palavra escrita, podemos prescindir dos livros. Ao memorizar os vastos e complicados sistemas de dicção estereotipada, o poeta podia invocar sua memória não apenas para a frase exata para preencher um determinado verso, mas também para a criação do padrão geral do poema. A memória não era apenas o fim pelo qual o poeta lutava, mas também o fator criador do meio em sua inspiração. Sem ela, a composição oral era impossível. Como fundamento da técnica da

poesia oral, Mnemósine foi justamente invocada como "mãe das Musas". (NOTOUPOLOS, 1938, p. 473, tradução nossa)¹³.

Assim, Mnemosyne é aquela que possibilita acesso ao verdadeiro conhecimento, à realidade das Verdades Eternas pois sem a sua presença, não se pode narrar, não se pode unir as realidades, não se pode assimilar as ideias. Mnemosyne é a detentora da literatura oral, essencial aos povos pré-letrados. As Musas, filhas de Mnemosyne, atualizam a memória estática e criativa que recebem da mãe sobreposta às qualidades paternas de Zeus, de modo que palavra e poder se unem e inauguram uma nova condição de possibilidade: a palavra como força divina.

3. A palavra como força divina

Numa comunidade pastoril, tal qual provém Hesíodo¹⁴ que canta a Teogonia, a palavra dita oralmente é a substância que alimenta a sociedade, é o *axis mundi*¹⁵ da vida religiosa. O poeta ao declamar a poesia nas festividades unia as eras e apresentava ao povo o espelhamento da realidade múltipla enquanto unidade coesa, e não apenas: a poesia, na equação social, se situava no encargo de refletir a sociedade para si mesma, a atividade poética "(...) devolvia ao grupo humano sua própria imagem, permitindo-lhe apreender-se em sua dependência em relação ao sagrado, definir-se ante os Imortais, compreender-se naquilo que assegura a uma comunidade de seres perecíveis sua coesão, sua duração" (VERNANT, 2018, p. 16). Desse modo, a cosmovisão do povo pastoril e arcaico difere sobremodo da cosmovisão de nossa época, que se sustenta em planos estratificados no qual se divide uma unidade no máximo de partículas menores

¹³ "For memory was the peculiar faculty and province of the oral poet; he could no more do without memory than we, the children of the written word, can do without books. By memorizing the vast and complicated systems of formulaic diction the poet could call upon his memory not only for the exact phrase to fill out a particular verse, but also for the creation of the general pattern of the poem. Memory was not only the end for which the poet strove, but was also the creative factor of the means in his inspiration. Without her, oral composition was impossible. As the foundation of the technique of oral poetry, Mnemosyne was rightly invoked as 'mother of the Muses.'" (NOTOUPOLOS, 1938, p. 473).

¹⁴ Torrano (2017) situa o poeta Hesíodo no período da Grécia arcaica (sec. VIII-VII a. C.).

¹⁵ A expressão *axis mundi*, traduzida, significa "centro do mundo". Utiliza-a aqui para indicar o centro de mundo da vida religiosa dos gregos antigos. Em outras palavras, a palavra oral, a poesia, para os antigos, exerceu função singular na vida espiritual, principalmente por ser ausente, à época, a disseminação da palavra grafada, a escrita.

possíveis e cujo caminho inverso, isto é, o de unir as partes divididas não se estende na linha do horizonte.

Para um povo cuja as estruturas sociais se baseiam na faculdade oral, que funciona como guardião de um repertório fundante, a capacidade de relatar, de narrar histórias, é de vital importância. Evidencia-se, portanto, a singularidade e relevância do posto das palavras, as quais são, no processo de relato e narrativa, as partículas menores que, encadeadas, dão origem a conjuntos de sentidos maiores. Há um fio estreito que une as palavras e o os objetos que povoam o mundo. Há correspondências significativas que possibilitam a criação de malhas epistêmicas. A palavra evoca sua entidade correspondente, como bem assinalou Cassirer (2019, p. 64) ao apontar para questões relativas à linguagem e aos mitos “(...) todas as formações verbais aparecem outrossim como entidades míticas, providas de determinados poderes míticos, e de que a Palavra se converte numa espécie de arquipotência, onde radica todo o ser e todo o acontecer”. As palavras, arquipotências, se estabelecem, dessa forma, como potências arcaicas, isto é, potências fundantes, que são condição de possibilidade intrínsecas ao próprio ato de surgir e acontecer:

As relações entre as palavras e as coisas, no mundo antigo, davam-se sob o signo da reflexão e da conjuração; isto é, as palavras e as coisas que designavam compartilhavam de uma mesma essência. Pronunciar palavras, por isso, significa conjurar presenças. O mundo e as palavras são contrapartidas de uma só realidade e existe entre eles uma aliança simbólica. Por isso, a representação das coisas pelas palavras não é simples alusão. (KRAUSZ, 2007, p. 167).

E bem, vejamos, dentro dessa trama de palavras e coisas, de evocações e acontecimentos, a poesia é uma forma de encadeamento específico. É um modelo que harmoniza as palavras, com ritmo e métrica, de modo que os termos encontrem recepção nos desfechos dos contextos humano e se insiram e promovam relevos existenciais. Por isso, é espelho da sociedade e guardião da cultura. O labor da poesia grega se preocupa em revelar as origens e os destinos e favorecer a duração de um povo. Compreende-se desse ângulo a importância do estilo poético, que é o enquadramento que concede forma à mitologia grega: “a mitologia grega é uma forma poética, e não um corpo doutrinário, mas é também um receptáculo de um saber” (GUSMÃO, 2016, p. 11).

Mais do que um conjunto de regras, “a função primária da mitologia e dos ritos sempre foi a de fornecer os símbolos que levam o espírito humano a avançar, opondo-se àquelas outras fantasias humanas constantes que tendem a levá-lo para trás” (CAMPBELL, 2007, p. 21). Por narrar as fundações do universo, o mito contém os segredos que possibilitam ao ouvinte o “ir adiante” pois as forças fundantes do início são as mesmas que se desdobram, se atualizam e reverberam no agora: se apossando da mensagem mitológica, o indivíduo se torna um receptor da mensagem primordial e se torna igualmente capaz de reconhecer as potências que vascularizam a realidade e, portanto, a própria existência.

É nessa encruzilhada entre as forças fundantes, a palavra viva do mito e o acontecer da vida que o poeta é concebido. O poeta é o guardião e porta-voz dessa malha dinâmica de tensões e não as pode narrar sem a inspiração das Musas que são o ponto convergente da palavra viva em canção, e a canção em presença: a arte das Musas “não é apenas uma arte divina doada pelos deuses aos homens, mas pertence ao mundo da ordem eterna do ser, que se completa em primeiro lugar em si mesma”¹⁶ (OTTO, 1981, p. 54, tradução nossa), por pertencer à dimensão da ordem eterna do ser, as Musas e aquilo que elas cantam participam de suas naturezas.

Assim, o poeta é quem, pelo seu cantar, revigora aquilo que já é vivo, que traz à memória de geração em geração a própria origem – do universo e dos deuses – que é o invólucro de todas as eras. Se a poesia é por vezes o modo de ser do mito, o poeta é canal e ponte que costura e proclama o repertório do saber de um povo de era em era. O poeta, por sua vez, é um cantor, que usa ritmo e métrica para acessar à Memória e prosseguir com a mensagem. As palavras proferidas no canto são, por sua vez, no acervo hesiódico, as Musas. Se a Memória é portal de acesso às Verdades Eternas, as Palavras Cantadas, filhas de Mnemosyne e Zeus, não são meros signos que representam uma entidade externa, mas *são* a própria entidade a qual representam. Em Hesíodo as palavras são forças divinas:

Durante milênios, anteriores à adoção e difusão da escrita, a poesia foi oral e foi o centro e o eixo da vida espiritual dos povos, da gente que — reunida em torno do poeta numa cerimônia ao mesmo tempo

¹⁶ “(...) no es sólo um arte divino obsequiado por los dioses a los hombres, sino que pertenece al mundo del orden eterno del ser, lo cual se completa en primer lugar em sí mismo.” (OTTO, 1981, p. 54).

religiosa, festiva e mágica — a ouvia. Então, a palavra tinha o poder de tornar presentes os fatos passados e os fatos futuros (*Teogonia*, vv. 32 e 38), de restaurar e renovar a vida (*idem*, vv. 98-103). Mas sobretudo a palavra cantada tinha o poder de fazer o mundo e o tempo retornarem à sua matriz original e ressurgirem com o vigor, perfeição e opulência de vida com que vieram à luz pela primeira vez. (TORRANO, 2017, p. 19).

Não sem razão as Musas são celebradas e invocadas por Hesíodo no início da *Teogonia*. As Musas são a própria condição de possibilidade do “vir a ser”. Nesse contexto e nessa esfera em que as palavras são potências divinas, narrar a gênese do cosmos é retornar, verdadeiramente, ao início. A gênese do universo, na poesia hesiódica é “gênese a cada instante”, basta que o poeta vascularizado pelas Musas se aposses (ou seja possuído) das palavras divinas. Desse modo, os ouvintes, aqueles que se colocam à disposição do poeta para escutar o seu canto vivificante, participam da esfera divina e contemplam a unidade que se dilui na procissão das palavras, unicamente possível pela presença das Palavras Cantadas, as Musas, já que nelas, cantar e ser tornam-se sinônimos (TORRANO, 2017, p. 80).

4. O canto das Musas e a condição de possibilidade de ser do mundo

Toda nossa aproximação das Musas é viabilizada pelo modo pelo qual elas se manifestam. Quando pensamos em Musas, pensamos em canto. Na liturgia do poema, a primeira atitude de Hesíodo é justamente a de invocar as Musas. Delineia-se, por essa invocação, um contorno sobremodo importante: o canto que narra a origem dos deuses não se sustenta na competência do poeta, mas advém da potência das Musas da qual o poeta é receptáculo e canal. As filhas de Zeus e Mnemosyne são a condição de possibilidade do próprio canto, sem as Cantoras, não há canto. O canto, por sua vez, se revela pelas Cantoras: o canto é o que faz as Cantoras serem o que elas são: o canto é, portanto, a função pela qual as Musas são as Musas: “presentes, as Musas são um poder de presença e presentificação.” (TORRANO, 2017, p. 22), tal presentificação é dada pelo ato de cantar.

Otto (1981, p. 57, tradução nossa) aponta que “a primeira tarefa das Musas no Olimpo é cantar a alegria de Zeus, dos deuses e de suas vidas bem-aventuradas, sua

aparição no mundo, a origem do ser e o destino dos homens mortais.”¹⁷. Ora, o que significa tal empreendimento? Para narrar os atos de Zeus e a origem do mundo, as Musas reverberam a potência herdada de Mnemosyne: para narrar um evento é preciso recordá-lo. A memória é a faculdade ativa. No contexto da Teogonia, como vimos, a memória não é apenas um instrumento estático, mas, além de reter e armazenar, ela também funciona como dispositivo criativo. No ato de lembrar está o de trazer o que está no reino do esquecimento – ou o mundo do não-ser – para o reino da presença. Lembrar, portanto, é tornar presente:

Para a percepção mítica e arcaica, o que na presença se dá como presente opõe-se, à uma, ao passado e ao futuro, os quais, enquanto ausência, estão igualmente excluídos da presença. Assim, passado e futuro, equivalentes na indiferença da exclusão, pertencem do mesmo modo ao reino noturno do Esquecimento até que a Memória de lá os recolha e faça-os presentes pelas vozes das Musas. O poeta, portanto, pelo mesmo dom das Musas, é o profeta de fatos passados e de fatos futuros. Só a força nomeadora e ontofânica da voz (das Musas) pode redimi-los, aos fatos passados e futuros, do Esquecimento, i.e., da Força da Ocultação, e presentificá-los como o que brilha ao ser nomeado, o que se mostra à luz: re-velação. (TORRANO, 2017, p. 27).

Por conseguinte, o poeta, inspirado pelas Musas, opera os tempos (passado, presente e futuro) de modo homogêneo num compasso ternário e canta a música polifônica da realidade de maneira dinâmica onde as dimensões do poder e da memória, unidos, reelaboram e elaboram os seres.

Ao cantarem a alegria de Zeus, as Musas atualizam constantemente a força de seu domínio. Elas tornam presente sua luz, poder e justiça pelo qual todo o cosmos se harmoniza: a luz que promove a manifestação dos seres, a justiça que oferta os dons de acordo com a natureza de cada um e o poder que sustenta a ordem:

A canção interpretada pelas Musas ressoa a verdade de todas as coisas como Ser cheio de divindade, resplandecente das profundezas e revelando, mesmo nas mais escuras e atormentadas, a glória eterna e o

¹⁷ “Esta es entonces la primera tarea de las Musas em el Olimpo, cantar la alegría de Zeus, de los dioses y su vida bienaventurada, su aparición em el mundo, el origen del ser y el destino de los hombres mortales” (OTTO, 1981, p. 57).

descuido bem-aventurado do Divino.¹⁸ (OTTO, 2007, p. 41, tradução nossa).

Vivificado, o canto das Musas vivifica a diacosmese e mantém o Olimpo ao memorar, isto é, tornar presente, as potências fundantes que preenchem o cosmos, tornando igualmente possível que múltiplos seres despontem e participem duma polifonia cósmica sob a égide de Zeus. O poeta, por sua vez, inspirados e cantores por meio da força divina, eram considerados por muitos como ser sagrado (OLIVEIRA, 2022), como porta voz das verdades eternas, como arautos do repertório que estruturava as condições da religiosidade dos gregos antigos pois na geografia cultural dos gregos antigos, a poesia é a plataforma por onde se ancoram os elementos fundamentais da cultura e, principalmente, das representações religiosas (VERNANT, 2018, p. 16). A condição de possibilidade da religiosidade grega é, portanto, o poeta e o canto poético inspirado pelas Musas. É pela poesia que são transmitidos os valores, narrativas, símbolos, todo o arquipélago que se sedimentará como aquilo que, hoje, conhecemos como religião grega.

Considerações finais: o (en)cantamento do mundo pelas Musas

Por fim, ao condensarmos o conjunto de informações tratadas nesse artigo, podemos vislumbrar uma pequena parcela da religiosidade grega pelo perímetro epistêmico relativo às Musas. São as Musas essa fusão de forças, filhas do soberano Zeus e da memória, Mnemosyne, nas quais Ser e cantar coincidem. Ao cantarem, dançarem e baterem com os pés no topo do Monte Hélicon e ao redor da fonte do Cavalo, as Musas relembram, renovam e constroem a realidade ao ocasionarem ritmo, movimento e melodia para o cosmos.

O canto do poeta anuncia a origem dos deuses e, portanto, o destino dos homens. Por ser inspirado pelas Musas, possui caráter divino e vivificante: “O espírito da canção lhes anuncia a natureza dos deuses, porque a canção é basicamente sua voz. Assim, o

¹⁸ ‘El canto que interpretan las Musas, resuena la verdade de todas las cosas como Ser pleno de divinidad, resplandeciente desde las Honduras y revelando, aun em lo más tenebroso y atormentado, la eterna gloria y bienaventurada despreocupación de lo Divino.’ (OTTO, 2007, p.41).

homem pode participar, à sua maneira modesta, do divino participando do canto.”¹⁹ (OTTO, 2007 p. 41, tradução nossa), pois, ao dispor-se ao canto, o ser humano acaba por se inserir no fluxo do ritmo, do movimento e da melodia que foram elementos basilares para a criação do mundo e que, por perpetuarem-se constantemente, atualizam a força criativa primordial. Pelo canto poético o mundo revela-se cheio de deuses.

Desse modo, a realidade e tudo o que a compõe, cantada pelas Musas e inspirada na atividade poética, se apresenta como um mundo encantado e divino, um mundo em que as forças temporais se fundem, uma plataforma fértil para ao florescimento de todos os feitos de homens e mulheres, um palanque onde as potências divinas atravessam e vascularizam as atividades. Ademais, o canto é manifestação de expressão, o canto das Musas é memória e potência. O mundo se torna, assim, a memória viva dos deuses, a verdade que não é passível de esquecimento, mas que se assume a si mesma em sua própria manifestação e que, ao atualizar-se, torna as eras sempre em tempo presente.

Ao reverberar o canto das Musas, os poetas que, inclusive, “sustentavam certo parentesco com o adivinho” (NUÑEZ, 2011, p. 239), encantam o mundo com a voz dos deuses, ecoando condições de possibilidades que, por mais que sejam arcaicas e fundantes, com a presentificação possibilitada pela poesia, são tornadas em novas por possuir o ímpeto primevo. A repetição, portanto, não significa uma imitação enfadonha do que já se foi, mas uma união de voz, um “entoar em unísono”, com a música que harmoniza toda a realidade desde o princípio e que, gentilmente, está sempre nesse *ritornello continuum*²⁰ para que aqueles que germinam em potência, possam, de fato, se revelar no reino do ser.

Referências Bibliográficas

ALONSO, Bruno. Oralidade, escrita e estilo em Platão e Montaigne. **Revista PHILIA**, v. 1, n. 2, p. 124-145, 2019.

BURKERT, Walter. **Greek religion: arcaic and classical**. Oxford: Blackwell Publishing, 1985.

¹⁹ “El espíritu del canto les anuncia de qué índole son los dioses, porque el canto es, em el fondo, su voz. Por ello, el hombre puede participar, a su modesta manera, em lo divino al participar en el canto.” (OTTO, 2007, p.41).

²⁰ *Ritornello* é um sinal de repetição utilizado na grafia musical, portanto *ritornello continuum* é um sinal que aponta para uma repetição contínua.



- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**, vol. 1. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**, vol. 2. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Editora Pensamento, 2013.
- CASSIRER, Ernst. **Linguagem e mito**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- FRANKEL, Hermann. **Early Greek poetry and philosophy**. Oxford: Helen and Kurt Wolff Book, 1962.
- GUSMÃO, Cynthia. Musas e música no plano epistêmico da memória da antiga Grécia. **Revista Música**, v. 16, n.1, p. 9-24, 2016.
- HESÍODO. **Teogonia**: a origem dos deuses. Estudo e tradução Jaa Torrano. 2. ed. São Paulo: Editora Iluminuras, 2017.
- JAEGER, Werner. **Paideia**: a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- KRAUSZ, Luis S. **As musas**: poesia e divindade na Grécia arcaica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.
- NOTOUPoulos, James A. Mnemosyne in oral literature. **American Philological Association**, v. 69, p. 465-493, 1938.
- NUÑES, Carlinda Fragale Patê. A Era das Musas: a música na poesia antiga. **Revista Terceira Margem**, Rio de Janeiro, v. 25, 2011, pp. 233-257.
- OLIVEIRA, Luciene de Lima. A figura do poeta como um ser inspirado, sagrado e entusiasmado na Grécia Antiga. Rio de Janeiro: **Principia**, n. 44, 2022. Disponível em <<https://doi.org/10.12957/principia.2022.71548>>.
- OTTO, Walter Friedriech. **Las Musas**: el origen divino del canto y del mito. Buenos Aires: Editora Universitaria de Buenos Aires, 1981.
- OTTO, Walter Friedriech. **Os deuses da Grécia**. São Paulo: Odysseus, 2005.
- OTTO, Walter Friedriech. **Teofanía**. San Miguel: Sexto Piso, 2007.
- PHILIPPSON, Paula. **Origni e forme del mito greco**. Turim: Bolatti Boringhieri, 1983.
- PLATÃO. **Fedro**. Tradução de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2021.
- SEMENZATO, Camille. **A l'écoute des Muses em Grèce Arcaique**. Berlim: De Gruyter, 2017.
- VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e religião na Grécia antiga**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.